

A questão da felicidade na ética de Aristóteles

Manoel Pedro Rocha

Mestrando em Filosofia – PUC-Campinas/Bolsista CAPES

Introdução

Qual é o supremo bem entre todos os bens práticos? Tanto o homem comum, como as pessoas cultas têm a mesma resposta para esta questão: a **felicidade**; "(...)nem todos entretanto sabem o que vem a ser a felicidade, já não se acham de acordo sobre este mesmo tema, é certo que o homem comum a define de maneira diferente que os homens sábios." (Aristóteles, *Et,Nic.*, I, 4, 1 095).

Na filosofia grega o termo Felicidade ou *Eudaimonia* é considerado o fim último e supremo bem que o homem deve alcançar; é o que constitui o verdadeiro sentido da vida. No decorrer da história do pensamento humano, várias foram as concepções acerca do conteúdo da felicidade; se perguntava se era o prazer ou a posse de bens exteriores, se a virtude ou o conhecimento, se era um dom dos deuses ou fruto do próprio esforço do homem.

Muitos vão tentar responder a esta questão. Em **Platão**, o problema da "**Felicidade**" ou "**Eudemonia**" consegue atingir dimensões amplas e complexas. O criador da "Teoria do mundo das idéias" visa superar todas as posições existentes em torno deste conceito, indo através de uma sólida fundamentação metafísica e passando pelo seu alargamento até atingir o domínio coletivo da "**POLIS**".

Será na Polis que a Eudemonia se tornará sinônimo de "Eunomia", que pode ser traduzido como "Bom Governo"; é o Estado ideal, nele estão todas as boas leis. Platão acredita que somente uma cidade bem governada é próspera e feliz (*Leis*, XI 927 b). A resposta ao esforço feito pelo ser humano para alcançar a "EUDEMONIA" pode se confirmar pela concepção platônica de Éros (*Diálogos* 180 b), e na sua obra *A República* (VII,526 e).

É, porém, **Aristóteles** quem vai dar uma definição mais importante de **FELICIDADE**, em sua *Ética a Nicômaco* (Et.Nic., 1,6: 1098 A 16 S.; 10,7: 1177 A 12-18). Pretendemos nos deter nessa obra para nossa análise desta questão que tem ocupado o pensamento filosófico de todos os tempos: o que realmente vem a ser a "FELICIDADE" ou "O SUPREMO BEM"? "Se nas coisas práticas há um fim que desejamos por si mesmo e desejando para ele as outras coisas..., é evidente que este fim será o SUPREMO BEM" (Et.Nic., I, 1, 1 094).

Neste trabalho procuraremos abordar o tema da **FELICIDADE** no campo da razão; como ela é abordada por Aristóteles em sua "*Ética a Nicômaco*", quais as características do homem capaz de felicidade, o papel importante das Virtudes Intelectuais na realização da Felicidade, e algumas implicações sociais para a época de Aristóteles e para o contexto atual.

O tema da FELICIDADE (ou Eudaimonia) no campo da RAZÃO

É certo que encontrando a atividade que é própria do homem, encontraremos a possibilidade de definir a Felicidade. Sabemos que a vida é comum às plantas, e que existe uma faculdade sensitiva que aparece também nos animais; resta descobrir uma vida ativa que seja própria de quem é dotado de razão. A obra própria do homem é a atividade da alma conforme a razão (Et. Nic., VII, 13, 1 153). Para Aristóteles, a felicidade do homem está no exercício da razão; ainda que ele tenha enfatizado a felicidade como uma contemplação no seu grau

superior, que ela consista no cultivo da atividade teórica, que é própria da razão.

Aristóteles, tendo em vista a realidade social de sua época, prossegue dizendo que a felicidade verdadeira exige condições necessárias; aqui, ele destaca duas condições mais importantes; que são a **SEGURANÇA ECONÔMICA** e a **LIBERDADE PESSOAL**. Sem essas duas condições nenhum homem pode ser feliz, e é por esta razão que os escravos não podem ser felizes; portanto, se procuramos a melhor política para o indivíduo, teremos que ir em busca daquela capaz de produzir o bem-estar para os homens.

O "tema" da FELICIDADE na *Ética a Nicômaco*

A *ÉTICA A NICÔMACO*, considerada por muitos estudiosos como uma obra complexa, é construída de acordo com um plano semelhante ao de um diálogo platônico, no qual a verdade é assegurada a partir de um ponto de vista provisório até um ponto de vista mais satisfatório. Nela, como já mencionamos, o tema da Felicidade é abordado com cuidado e profundidade, quer seja na análise do homem na sua individualidade, quer seja em sociedade.

Aristóteles procura deixar claro que toda ação humana tem por objetivo um Fim ou um Bem específico e determinado; neste ponto todos estão de acordo. Este "Fim" e este "Bem" específico são o que todos os homens chamam de "FELICIDADE" ou "BEM-SUPREMO": esta é, para Aristóteles a referência última sobre a qual todos os homens podem basear os seus juízos morais.

A Felicidade é compreendida diferentemente pelos diversos grupos de pessoas ou indivíduos. O que devemos ter em mente é que a mesma não deve ser entendida como ociosidade ou um mero gozo sensual; ela deve ser uma atividade boa ou virtuosa.

EUDAIMONIA como atividade virtuosa e atividade do ESPÍRITO

A tese da FELICIDADE como sendo o “Sumo Bem”, ou o “BOM”, foi sustentada muitas vezes ao longo da História do pensamento filosófico-ético. Para Aristóteles, a FELICIDADE é o maior de todos os bens, um Bem aspirado por todos os homens.

Depois de esgotar o conceito de FELICIDADE em sua *Ética a Nicômaco*, Aristóteles continua afirmando que a EUDAIMONIA consiste na atividade unicamente do espírito; atividade esta que se dá através do conhecimento pleno da verdade, na busca profunda e incessante da perfeição. Aqui é necessário lembrar que “prazer” e “alegria”, indo além do que habitualmente se entende, são considerados no pensamento aristotélico conseqüência da perfeição obtida. Por este motivo, a ATITUDE MORAL VIRTUOSA vai se constituir um elemento essencial da felicidade.

Não é sem razão que Aristóteles insiste no caráter contemplativo da FELICIDADE, que acontece num grau superior, o grau da BEATITUDE. Para ele, a “FELICIDADE” é uma certa atividade exclusiva da alma; porém uma atividade desenvolvida sempre em conformidade com a VIRTUDE” (Et., Nic.,I,13, 1102 b).

EUDAIMONIA (Eudemonia) como atividade do ESPÍRITO

Em Aristóteles, Eudemonia adquire uma formulação mais científica e sólida. Para o estagirita há um fato universal: o de que todos os homens tendem para a “EUDEMONIA”, tendo-a como fim último da vida, variando apenas nos conteúdos. Mesmo sabendo que há os que colocam a busca da felicidade nos prazeres, outros nas honras, e outros ainda nas riquezas, importa-nos saber que a tendência em comum permanece.

Já dissemos que Aristóteles insiste na existência de um “SUMO BEM”, que é a finalidade (Télos) plena da atuação da natureza humana. A busca desse BEM é uma tarefa específica

do homem, como ser racional, e este Bem Supremo só será atingido através da realização da virtude.

"Felicidade inclui a satisfação das necessidades e das aspirações humanas. Ser feliz plenamente é atingir a máxima realização." Para Aristóteles, "(...) as pessoas felizes devem possuir três espécies de bens: os bens externos, os do corpo e os da alma" (Ibid., 1153 b, 17, segs. Pol., VII, 1, 1323 a 22).

A felicidade como Eudaimonia deve ser entendida como uma prática que resulta de uma vida virtuosa; é portanto função de certos bens "(...) que atingem aqueles que agem retamente." (*Ética a Nicômaco*, 1098b). Aristóteles classifica esses bens em três grupos ou espécies:

1. Bens exteriores.
2. Bens da alma.
3. Bens do corpo.

E conforme Aristóteles, "(...) mas são os bens da alma que são os bens por excelência.." (*Ética a Nicômaco*, 1046b).

Sabedoria teórica e sabedoria prática

Considerando o homem como ser racional e emocional ou sensível, veremos que a felicidade de um ser assim constituído deverá ser descrita em termos aceitáveis por todos; consistirá em duas formas de atividade racional: em primeiro lugar, no uso livre da razão no que diz respeito à investigação teórica. Em segundo lugar, será descrita dentro da disciplina das emoções levando-se em consideração uma regra ou um objetivo formulado pela razão.

É neste ponto que Aristóteles vai distinguir duas virtudes do "Intelecto": a sabedoria teórica (SOPHIA), que é indispensável para a felicidade humana como um componente importante; e a sabedoria prática (PHRÓNESIS), tomada como o agente produtivo. É porém à PHRÓNESIS que estarão submetidas todas as capacidades intelectuais pelas quais to-

mos por objetivo o fim verdadeiro e adquirimos a capacidade de assegurá-lo.

Importa sabermos que tanto a "Sophia" como a "Phrónesis" são ambas virtudes do intelecto; virtudes do espírito em geral. São o resultado de uma aprendizagem que consiste no conhecimento de regras autênticas; sendo que a Sophia vai se relacionar e se preocupar com verdades permanentes ou fixas, as quais o homem não pode alterar.

A EUDAIMONIA e a "PHRÓNESIS"

É na *Ética a Nicômaco*, na importante passagem VI dos cap 12 e 13, que vemos a abordagem aristotélica segundo a qual a separação das Virtudes do caráter da Phrónesis é uma separação lógica e não real. Daí afirmar que a "Virtude Moral" deve vir acompanhada pela "phrónesis", sem a qual esta seria cega. E a Phrónesis, por sua vez, só pode ser atingida em conjunção com a Virtude Moral.

A presença da Phrónesis se faz necessária mesmo para o homem médio. Em uma palavra, todos os homens devem atuar tendo sempre em vista um fim mais justo e correto. Em suma, cada um deve exigir para si mesmo a "PHRÓNESIS" e não depender eternamente somente do juízo especializado de um grupo de entendidos.

Aristóteles, mesmo concordando que "os bens externos" não fazem parte da essência da Felicidade, concorda contudo que os mesmos podem afetá-la diretamente, pelo fato de que pela falta dos mesmos, em certo grau, poderá impedir a realização da plena Felicidade.

O homem de PHRÓNESIS

Entretanto, nem todos os homens estão capacitados a atingir a virtude da Sophia, que é uma virtude superior e intelectual. Por outro lado, sabemos que as virtudes do caráter só se completam com a "Phrónesis".

O homem de "PHRÓNESIS", que é um ser parte racional e parte emocional, é quem pode nos fornecer o juízo intuitivo ideal, como critério da ação correta para todos os outros que

ainda não se sentem seguros em suas decisões. Ele pode, em alguma medida, ser considerado um intérprete verdadeiro dos valores morais dominantes. Ele é, em uma palavra, um homem apto para detectar as necessidades da sociedade em casos específicos; e isso pelo motivo óbvio de que esse homem levou em consideração os valores, com muito mais cuidado do que todos os outros homens.

Os homens que não possuem a "sabedoria" são todos os que não conseguem atingir uma constância de propósitos, na busca e conquista do bem com finalidade última; são aqueles que estão inclinados à falta de harmonia.

O homem que não possui a "sabedoria prática" é aquele que acumula em si todos os objetivos perversos, mas com uma profunda coerência que pode permitir ao seu caráter chegar ao cúmulo do prazer egoísta; um estado definido em grego como auto-indulgência (*Akolasia*), que é incurável. Por outro lado podemos encontrar um indivíduo que possua e conserve uma concepção autêntica do bem, mas que, neste caso, não consiga desear com a mesma força exigida para realizar sempre o mais justo.

Ausência da PHRÓNESIS: ausência de Felicidade

A Phrónesis pode com maior firmeza definir a finalidade dos grupos humanos. Nela, vemos combinados uma retidão habitual de desejo com um juízo verdadeiro habitual; competente na formulação de regras gerais para a ação, ela será capaz de aplicá-los de maneira justa às situações variáveis da vida social.

Por outro lado, o homem que não possui a "Phrónesis" faz parte do grupo daqueles que não conseguem atingir, por diferentes razões, uma constância de propósitos na prática do BEM. Não possuindo a sabedoria prática, este grupo sempre possuirá o desejo incorreto associado ao juízo falso.

Esse homem não será feliz, porque, segundo Aristóteles, a **FELICIDADE** deve consistir sobretudo em duas formas de atividade racional: no uso livre da razão e na disciplina das emoções; de acordo com isso, em uma regra ou um objetivo formulado pela razão.

Importância da ética de Aristóteles para a atualidade

Aristóteles nos ajuda a refletir sobre o problema da Felicidade levando em consideração o seu conteúdo concreto; isto é, qual o tipo de felicidade que se busca realmente e no qual os homens em dada situação realizam suas aspirações pessoais. Porque, na nossa sociedade contemporânea, onde domina a propriedade privada, onde o homem vale pelo que possui, pelo ter e não pelo ser, sabemos que a felicidade se resume na posse dos bens materiais. A felicidade se encontra, portanto, na satisfação do "espírito de posse". Diríamos que nesta realidade social, todo homem rico de dinheiro ou de posses será feliz, e o pobre, o que nada tem, será infeliz. O conceito de Felicidade aqui recebe um conteúdo concreto dado pelo sistema econômico vigente.

Conclusão

De todos os esforços realizados pela filosofia antiga, sobretudo pelo helenismo, para conquistar a verdadeira sabedoria, aquela que conduz cada indivíduo a sua realização, o peripatetismo é, com certeza, o sistema mais bem acabado; pelo menos, o mais equilibrado.

Aristóteles, em seu pensamento filosófico, especialmente em sua *Ética*, dá-nos uma síntese na qual todas as ciências estão plenamente unificadas. Ele soube encontrar o ponto central e único em que se harmonizam as duas tendências fundamentais do espírito humano: a positiva, que insiste sobre as riquezas da intuição sensível; e a idealista, que insiste sobre a potência da inteligência para alcançar o absoluto. Aristóteles percebe que o caráter puramente abstrativo da razão não lhe permitirá conquistar a verdade plena: a ciência, a menos que se mantenha contato contínuo, direta ou indiretamente com a experiência, com a atividade prática.

O estagirita tem consciência da força e da fraqueza do espírito; por ser fraco, procura manter-se fiel a um método rigoroso; por ser forte, tem a ambição de resolver todos os

problemas do universo; conseguir aplicar suas reflexões às realidades mais simples, como às perfeições mais sublimes. Se preocupando com o ser humano, procura refletir sobre suas atividades tanto individuais como sociais: qual a melhor maneira para se viver? como chegar à realização da Felicidade plena? todos os homens são capazes de ser felizes? como ser um homem de **PHRÓNESIS** hoje? Essas e outras questões estão no cerne do pensamento aristotélico. O anseio de procurar respondê-las estava nele como também nos pensadores modernos e contemporâneos: a busca de se encontrar soluções para uma vida melhor do indivíduo e da sociedade.

Por isso, a título de conclusão deste trabalho sobre a questão da felicidade em Aristóteles, dentro da realidade social de sua época, nos perguntamos o que poderíamos tirar de proveito para o contexto atual — tendo em vista que a sede de realização do Bem Supremo existe ainda dentro de cada um de nós, isto é, qual o tipo de felicidade que se busca realmente e no qual todos os homens em dada situação realizam suas aspirações pessoais?

Numa sociedade como a nossa, as mesmas preocupações de ontem ainda permanecem. Como respondê-las hoje? As respostas encontradas por Aristóteles em seu tempo, englobando os valores morais, as virtudes, a retidão, a justiça etc., certamente nos ajudariam não só a responder questões inerentes à Felicidade, como também na concretização de uma sociedade mais justa, feliz e equilibrada.

Se ainda acreditamos na tese de que a Felicidade é o único BEM, então nossa tarefa é fazer tudo para que o seu conteúdo seja concretizado. Um conteúdo que pode variar de acordo com as relações sociais que o determinam e a realidade a que ele serve.

Se havia o conceito de felicidade como contemplação dentro da sociedade escravagista grega, e a felicidade baseada na posse, podemos detectar os mesmos conceitos errôneos na sociedade burguesa de nossos dias. Em uma palavra, qualquer que seja nosso ponto de partida, não devemos tomar a Felicidade como realidade abstrata, alheia a determinadas condi-

ções sociais nas quais residem as atividades do homem contemporâneo. Mais do que a Felicidade pessoal, está em jogo a realização da sociedade.

Todos estamos de acordo que o motivo que se encontra na base de toda a conduta e escolha humana é ainda o interesse próprio, mais ou menos esclarecido. Mesmo que ignorássemos o refinamento das nossas noções éticas adquiridos durante a História, com a colaboração de sistemas religiosos, sobretudo do Cristianismo, temos clareza de que o ambiente social que serviu de pano de fundo para as análises de uma Ética Social naquele tempo é muito diferente do que temos hoje, mas nos leva a repensar o tema da Felicidade, a fim de torná-lo aceitável por um espírito contemporâneo.

Bibliografia

- ALLAN, D.J. *A Filosofia de Aristóteles*. Editorial Presença - Quinta Parte Capítulo 13, pp. 149 - 168.
- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Coleção *Os Pensadores*. Tradução de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim. Editor: Victor Civita. pp. 245-436.
- DURANT Will. *HISTÓRIA DA FILOSOFIA: Vida e idéias dos grandes Filósofos*. Tradução de Godofredo Rangel e Monteiro Lobato. 1935. Companhia Editora Nacional, São Paulo.
- JAEGER, Werner - *Aristóteles: Bases para la Historia de su desarrollo intelectual*. Versión española de José Gaos. Fondo de Cultura Económica, Pánuco, 63, México.
- MODOLFO, Rondolfo. *O pensamento antigo: História da Filosofia Greco-Romana, Desde Aristóteles até os Neoplatônicos*. vol. II Editora Mestre Jou, São Paulo, pp. 7 - 69.
- MONDIN. B. *Introdução à Filosofia. Problemas, Sistemas, Autores e Obras*. Edições Paulinas, 1926, Sétima Edição revista e ampliada.

Pe. LEONEL Franca S.J. "NOÇÕES DE HISTÓRIA DA FILOSOFIA" 22a. edição, Livraria Agir Editora, 1978, Rio de Janeiro.

THONNARD. *Compêndio de História da Filosofia*. Editora Herder, São Paulo, 1968, IV pp. 81 - 130.